

O PERFUME: UMA ANÁLISE FÍLMICA EMBASADA PELA ESTÉTICA E POÉTICA DO ESPAÇO

Martina Viegas¹ (Feevale); Daniel Conte² (Feevale)

RESUMO

Pertencer a algum lugar, fixar raízes e estabelecer vínculos, talvez seja algo que requeira mais do que apenas uma localização geográfica que permita fornecer um endereço para contato. Pode-se dizer que existe poesia nos processos cotidianos reais e imaginados que circundam e dão vida às relações interpessoais que transformam, motivam e guiam as manifestações culturais ao redor da Terra. O presente estudo busca a identificação das relações interpessoais oriundas do estudo da estética e da estetização, propostos por Wolfgang Iser (1995), e o conceito de poética do espaço proposto por Gaston Bachelard (1998), utilizando a análise fílmica de “O Perfume: História de um Assassino” (2006) como objeto interpretativo. Esta análise fílmica torna-se o fio condutor que perpassa de forma interdisciplinar as áreas de literatura, cinema e arte, sobretudo em relação ao personagem principal Jean-Baptiste Grenouille. São considerados os conceitos acerca de identidade e pós-modernidade de Stuart Hall (2006), elaborando-se, deste modo, uma pesquisa exploratória e bibliográfica focada na análise da narrativa cinematográfica de André Gaudreault e François Jost (2009), acerca do personagem principal Jean-Baptiste Grenouille, na França do século XVIII: um estudo poético não apenas em relação ao espaço, mas também, textual e literário, no qual a arte faz-se presente através da fotografia fílmica que obtém destaque enquanto fator argumentativo.

Palavras-chave: O Perfume. Poética do espaço. Estética. Identidade. Sociedade.

¹ Autora. Graduada em Design, Hab. Design Gráfico, pela Universidade Feevale; Pós-Graduada em Design de Superfície e Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale. Atua profissionalmente como pesquisadora de moda e coordenadora de estilo.

² Orientador. Possui Doutorado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana Pela UFRGS. Possui mestrado em Literatura Comparada e é graduado em Letras Português/Espanhol, também pela UFRGS. Atualmente é professor adjunto e pesquisador da Universidade Feevale.

1 INTRODUÇÃO

As condições de existência nas quais o indivíduo representado pelo personagem Jean-Baptiste está inserido desde seu nascimento até a idade adulta, podem ter ocasionado seu comportamento e convívio social, posto que estes últimos são implicações que podem ter contribuído para o descentramento de seu sujeito e, deste modo, corroborado às possíveis confusão e crise de identidade do personagem, caso tenham existido.

Deste modo, a questão norteadora da reflexão central deste artigo é: O indivíduo da pós-modernidade seria capaz de, dentre muitas situações, reconhecer sua própria identidade enquanto ser humano fragmentado e multifacetado, segundo os conceitos propostos por Stuart Hall (2006)?

O próprio conceito de cultura deve ser abarcado criteriosamente, pois muitos são os fatores presentes na equação social da qual as experiências interpessoais e, até mesmo as experiências individuais são oriundas: cada povo, cada região, cada grupo possui características distintas capazes de nivelar a aproximação estabelecida com a sociedade através do cotidiano compartilhado através do convívio social.

Além disso, o acesso à informação nunca foi tão otimizado como agora: as diferentes mídias oportunizam e esclarecem conceitos com agilidade e rapidez, tornando-se exemplos de uma cadeia de informação global interconectada. Vivemos em um momento de reflexão no qual nos sentimos 'cidadãos do mundo': somos a soma e a diferença presentes nas equações que nos definem a cada dia. Stuart Hall (2006) afirma que estas inúmeras inquietações humanas vem nos transformando em seres multifacetados e fragmentados, bombardeados por uma série de sentimentos que libertam e oprimem, descentrando nossos sujeitos de seus pontos de partida e nos propondo reflexões que vão muito além do campo subjetivo da idealização sociocultural.

Deste modo, segundo Hall (2006) a questão da identidade vem sendo discutida na esfera teórica social e um dos argumentos é o de que as antigas identidades – que antes serviam como amparo ideológico capaz de estabilizar o mundo social - estão em gradual e

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



progressivo declínio. Este fenômeno acaba, por sua vez, originando novas identidades que fragmentam e multifacetam a humanidade na pós-modernidade.

A própria modernidade vem sendo transformada, segundo as três concepções de identidade propostas por Hall (2006), pertinentes a três momentos distintos do ser humano na Terra: Sujeito do Iluminismo; Sujeito Sociológico; Sujeito Pós-Moderno. O sujeito encontra-se enquanto peça central de um quebra-cabeça o qual não consegue resolver: em meio as suas dúvidas e angústias, procura estabelecer pontos de equilíbrio sustentados pelas raízes que ainda não ruíram frente a crise de identidade que vem sofrendo ao longo dos anos.

Estabelecendo um paralelo entre este sujeito descentrado, fragmentado e o filme “O Perfume: História de um Assassino”, percebe-se que o sujeito representado pelo personagem central Jean-Baptiste Grenouille está também, a seu modo, descentrado e fragmentado. Deste modo, torna-se possível o estudo capaz de oportunizar a análise do sujeito Jean-Baptiste através dos conceitos trazidos por Stuart Hall (2006) e dos conceitos elucidados por Gaston Bachelard (1998), dentro da esfera da estética proposta por Wolfgang Iser (1995), trazida pela análise fílmica pautada na procura pela identidade desta persona em específico frente a poética presente na jornada em prol da compreensão de seu próprio espaço reconhecido no mundo.

2 CONTEXTUALIZANDO O PERSONAGEM JEAN-BAPTISTE NO ENREDO DE “O PERFUME: HISTÓRIA DE UM ASSASSINO”

O filme “O Perfume: História de um Assassino”, datado de 2006 e dirigido por Tom Tykwer, foi adaptado da obra literária original escrita por Patrick Süskind, originalmente publicada em alemão como *Das Parfum: die Geschichte eines Mörders*, em 1985. A história trata-se de um romance extremamente bem adaptado para o cinema, embora a versão fílmica não substitua a versão literária. O enredo explora o sentido do olfato, relacionando o emocional

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



de Jean-Baptiste com todos os aromas que permeiam sua existência desde sua concepção em 17/07/1738, na França do século XVIII: mais do que uma história romanceada acerca de um dos 5 sentidos humanos, a história trata-se de uma eterna busca por identidade, sendo que a versão fílmica atrai não apenas pelo enredo, mas também pela poesia de sua narrativa bastante enfatizada pela estética belíssima das paisagens e mensagem moralizante acerca do espírito humano.

O personagem principal Jean-Baptiste Grenouille nasceu em Paris, em um local extremamente fétido e sem condições de higiene: o mercado de peixes. Sua mãe trabalhava neste mercado de peixes e já havia dado a luz a quatro crianças antes de Jean-Baptiste. No entanto, os irmãos de Jean não sobreviveram, possivelmente devido à precariedade do local, bastante sujo e de fortes odores. Jean-Baptiste nasceu em meio a este contexto, entre um peixe vendido e outro, em pleno mercado, na tenda de sua mãe, que mesmo tendo dado à luz voltou ao trabalho normalmente, deixando o pequeno Jean em meio aos restos de peixes abaixo da mesa de sua tenda.

Entretanto, como forma de exigir seu direito à vida, Jean chorou e o seu choro revelou sua presença naquele ambiente desagradável, sentenciando sua mãe à força e o direcionando para um orfanato. A partir deste momento, a narrativa conta, detalhadamente e com estética bastante envolvente – trazendo uma sucessão de imagens que se conectam e constroem o enredo de forma dinâmica a ponto de fazer com que o telespectador se sinta cativado pelo personagem central – a sucessão de eventos que levaram Jean a buscar obcecadamente as essências maravilhosas que o fascinam, bem como as técnicas para capturá-las em perfume. Recém-nascido, Jean fora recepcionado de forma hostil pelas demais crianças no orfanato, que tentaram asfixiá-lo. Salvo pela responsável pelo abrigo, cresce fisicamente saudável, porém aos cinco anos de idade ainda não fala: o menino possuía um talento, o do olfato privilegiado. Aos treze anos, é vendido pela mesma responsável do orfanato que acaba assassinada por bandidos logo após a venda do menino Jean. Jean passa, então, a trabalhar em um curtume no qual a expectativa de vida não passava de cinco anos, devido ao trabalho pesado e a precariedade das

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



condições de higiene do local. Mas Jean provou ser “tão forte quanto uma bactéria resistente”, trabalhando até 16 horas por dia, verão e inverno.

Quando Jean fica mais velho, vai à cidade e depara-se com “um mundo cheio de novos odores”. Jean-Baptiste não era seletivo, guardando em sua memória cheiros bons e ruins. Seu olfato o guia até uma perfumaria e ele fica em frente à vitrine, observando, maravilhado, quando acaba atraído pelo aroma exalado por uma moça que vende frutas e que foge, assustada. Após perseguição, Jean acaba por matar a moça, decidindo, naquele exato momento, que aprenderia a reter os aromas para nunca mais perder “belezas tão sublimes”.

Jean conhece Giuseppe Baldini ao fazer uma entrega de couros. Baldini era um famoso perfumista parisiense, fora de moda, que buscava sem sucesso desvendar os segredos aromáticos do perfume “Amor e Psiqué”, de um de seus concorrentes. Jean pede para trabalhar com Baldini, encantando o perfumista ao decifrar a fórmula do perfume que nem mesmo ele fora capaz de decifrar: seu olfato o guia e Jean produz o perfume a partir das quantidades dos aromas sentidos e processados em sua mente prodigiosa, afirmando ser capaz de deixar o perfume bem melhor do que o original.

Jean aprende que um perfume é composto por 4 essências ou notas: 3 acordes – Cabeça (Primeira nota que serve de impressão, deve durar alguns minutos); Coração (segunda nota que serve de tema do perfume, com duração de várias horas); e nota de fundo (que vem a ser o rastro do perfume, que deve durar vários dias). Baldini explica, então, a existência de 12 notas ao todo, contando que no Egito antigo, acreditavam na existência de uma 13ª nota que se destacaria e eliminaria sutilmente as outras 12 notas da composição.

Jean-Baptiste compreende “a alma das pessoas como algo possível de ser captado através de sua essência natural”. O menino inicia sua pesquisa incessante atrás de meios de captar todos os cheiros do mundo, sentindo-se frustrado ao não conseguir bons resultados utilizando as técnicas já ensinadas por Baldini. Jean acaba ficando doente e apenas se recupera quando Baldini lhe confessa que existem outros meios de se conseguir capturar os aromas, liberando seu aprendiz após ele lhe deixar preparada uma lista com 100 fórmulas de perfume. Baldini morre logo após, pois sua casa desmorona.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



O olfato de Jean o afasta da cidade e o aproxima da contemplação possível no alto da montanha, com a natureza. Encontra uma caverna com quase nenhum cheiro e delicia-se com sua própria existência. Percebe, porém, que sua roupa possui muitos cheiros, menos o dele próprio. Jean dá-se conta de um terrível medo: ele estava passando despercebido como se não existisse, e decide provar que é alguém.

Jean conhece Laura, uma linda menina ruiva. A segue e chega até um local repleto de campos de lavanda, onde passa a trabalhar em um atelier de aromas e aprende a técnica de *enfloraje*, que consiste na morte das flores de forma devagar e delicada, onde as flores são submersas em gordura animal. Jean realiza seu primeiro experimento com a nova técnica, matando uma jovem colhedora de lavanda. Esta menina seria a primeira nota de seu ambicioso projeto de produção de perfume a partir da essência humana, porém não obtém resultado positivo, mesmo fervendo a garota em banha animal. Jean inicia outro experimento, pagando uma meretriz: Jean passa a banha de porco em todo o seu corpo e a cobre com gases para reter o aroma. Ela não aprecia a situação e acaba morta por Jean. Jean consegue, com sucesso, sua primeira nota.

Obcecado por Laura, desde o início Jean sabe que ela será a sua 13ª nota: a nota capaz de deixar o aroma sublime e inigualável. Ao matar as jovens da cidade de Grasse, Jean acaba aniquilando, também, o comércio e a prosperidade do local. O pai de Laura, entretanto, não se convence que o perigo acabou e em sua opinião, “nenhum plano maldoso estaria completo sem a presença de sua linda e amada filha”.

Até que então, o pai de Laura a encontra morta, certo dia e desespera-se, enquanto Jean está feliz, pois finalmente concebeu seu perfume através da sua estimada 13ª nota. Perseguem Jean e o encontram. Interrogam e torturam Jean-Baptiste, sendo que o pai de Laura quer saber o motivo dele ter matado sua filha: Jean, mesmo sob tortura, apenas diz que precisava dela.

É chegado o dia de execução de Jean-Baptiste e a população fica exaltada, clamando por justiça. Ele veste-se com a roupa da autoridade local que vai buscá-lo na cela e é levado de carruagem para o centro da multidão. Ele embebeda o lenço com o seu perfume e o encosta em

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



sua pele. Jean sai da carruagem, reverenciado pelo povo que grita, veementemente, “este homem é inocente!”, clamando por piedade.

Jean solta seu lenço, que é levado pelo vento, espalhando o aroma do perfume. O povo entra em delírio, extasiado pelo aroma maravilhoso e celestial, tomado por uma onda de amor incontável, começando a despir-se, uns tocando os outros, relacionando-se sexualmente e intimamente sem medos, angústias ou vergonhas.

Jean fecha seus olhos e imagina um outro desfecho para sua história de vida: relembra a primeira moça morta, que vendia frutas. Pensa nela tocando ele, trocando carícias e afagos, em espécie de momento único de espécie de “paz com o mundo”. O pai de Laura cai de joelhos perante Jean, pede desculpas e o chama de “meu filho”, abraçando-o. O povo vai, aos poucos, acordando e dando-se conta do que aconteceu, voltando a sentir medo e vergonha ao não entender os motivos de estaremos nus, no chão, uns sobre os outros.

Jean começa a caminhar de volta a Paris, dando-se conta de que poderia dominar o mundo com o seu perfume, mas dá-se conta, também, que apesar de poder controlar o amor da humanidade, não pode amar ou ser amado justamente por causa dele.

“Então, que vá para o inferno!”, Pensa Jean. “Maldito seja o mundo, o perfume e até ele mesmo”. As memórias olfativas de Jean o guiam até o local de seu nascimento, no mercado de peixes de Paris. Jean derrama o perfume em sua cabeça, tornando-se iluminado como o sol, atraindo a atenção do povo que o cerca, beija, idolatra, se debruça sobre ele e o devora, com ansiedade e angústias profundas. Neste momento, Jean desapareceu da Terra e o povo, passado o transe, foi tomado por uma felicidade incontável, pois pela primeira vez na vida, havia feito algo genuinamente por amor. Logo após, as pessoas seguiram suas vidas e rotinas como se nada tivesse acontecido. Crianças brincavam com as roupas de Jean e o que sobrou foi o frasco do perfume, jogado no chão, como uma “última gota de amor”.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



3 A ESTÉTICA PRESENTE NO FILME

Wolfgang Welsh (1995) afirma, que neste processo de estetização superficial dominado pelo cotidiano, o valor estético de primeiro plano é representado “pelo prazer, diversão, gozo sem consequências”. Esta afirmação pode ser observada durante toda a narrativa, cuja fotografia oferece beleza, contemplação e mistério à análise fílmica. Se observarmos com cuidado nossas relações sociais, perceberemos que há muito tempo a tendência da estética acima de tudo é uma característica que se mescla à cultura em sua totalidade. Welsh (1995) afirma ser a vivência emocional e o entretenimento as bases das diretrizes da atividade cultural.

Para o personagem principal da narrativa, o seu próprio processo de estetização da realidade dá-se através do que poderíamos chamar ‘visão olfativa’: podendo sentir os aromas mais variados de tudo o que o cerca, Jean-Baptiste mostra-se sem preconceitos acerca dos odores que sente, apenas distinguindo-os entre si, dando-se conta, inclusive, da ausência de cheiro que ele próprio possui. A busca pelos aromas específicos, capazes de transformar o perfume de Jean em uma fragrância única, símbolo do ‘aroma dos deuses’, tal a narrativa sugere, retrata a significação que Jean busca para a sua própria espécie de não-existência, posto que é capaz de distinguir e, ao seu modo, catalogar todos os aromas existentes ao seu redor.

Quando Welsh (1995) traz o pensamento de estetização enquanto estratégia econômica, o autor associa a estética ao fator principal capaz de vender aquilo que não dá para ser comercializado: o filme traz a questão da angústia dos comerciantes de perfumes da época, pois cada qual desejava possuir a fórmula mais magnífica capaz de cativar e fidelizar clientes da rica camada burguesa da época. O próprio personagem Baldini aceita a proposta de empregar Jean-Baptiste imaginando o possível lucro que o rapaz poderia lhe oferecer em troca do conhecimento que ele poderia intercambiar com Jean. Wolfgang Welsh (1995) traz o conceito de “modas estéticas”, de vida extremamente curta, pois já são criadas hoje com obsolescência programada: um produto nasce com seu prazo de validade contado, assim

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



como as relações humanas em uma sociedade fragilizada como a observada na França do século XVIII (esta questão, é bastante complexa e profunda, podendo render um novo estudo específico que, no caso deste artigo, torna-se inviável).

O filme inicia sob a perspectiva de um plano *close* que parte do nariz de Jean-Baptiste. Gaudreault e Jost (2009) afirmam ser fundamental considerarmos o plano como sinônimo de um enunciado capaz de permitir a análise de uma narrativa.

Os autores (2009) afirmam, ainda:

A partir do momento que restituímos esse exemplo ao interior de uma narrativa fílmica, ou seja, de um discurso global, narrativo e audiovisual, percebemos que esta “tradução” não é mais suficiente. Se, em seguida a uma longa marcha em um espaço desértico, o herói vislumbra um telhado no horizonte, é verdade que a imagem pode significar “eis uma casa”, mas em outro contexto – admitamos, após uma longa viagem de automóvel de um homem e uma mulher – se um dos personagens designar com o dedo esse imóvel, poderemos compreender mais provavelmente “eis minha casa”, ou até mesmo “eis nossa casa”. (GAUDREULT; JOST, 2009, p.37)

Deste modo, a indicação de enfoque a partir do nariz de Jean-Baptiste, que sai da escuridão da prisão no qual encontra-se aprisionado até seu julgamento, já denota importância neste segmento de seu corpo para a significação de toda a narrativa que se dá a seguir: o nariz, ao receber plano *close* indica ser peça fundamental ao entendimento do enredo fílmico.

Pode-se recolher, assim, duas versões de significação geral: o que realmente “é” e o que “parece ser”: esta confusão entre ser e parecer é o que Welsh (1995) chama de paralelo entre *hardware* e *software*. Para o autor, o objeto de estudo era, anteriormente, o *hardware*, sendo a estética o *software* no processo de estetização social atual. Entretanto, a estética é, hoje, mais fundamental que apenas o corpo físico do objeto de estudo ou produto: a beleza é procurada e até perseguida nas suas mais diversas possibilidades, pois a estética se transformou em valor padrão de nossa sociedade.

Jean-Baptiste era assassino, mas sua busca pela beleza transcendia seus pudores morais e, de certa forma, justificava seus atos. Jean-Baptiste ligou o seu produto – seu

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



perfume – a uma estética maior que a de um simples perfume: o produto vende-se sozinho e suas ações legitimaram-se através da estética. Quando Wolfgang Welsh (1995) diz que não adquirimos o artigo propriamente dito, mas sim, adquire através dele um estilo de vida estético, o autor propõe um paralelo ao perfume criado por Jean-Baptiste: Jean não queria apenas desenvolver uma fragrância nova, mesmo sendo capaz de desenvolver tantos aromas maravilhosos desejasse. Jean desejava desenvolver “a” fragrância capaz de traduzir a estética do amor e espírito humanos enquanto essência motivadora, bela e inigualável em pureza. A captura do aroma humano passa a ser compreendida, por Jean-Baptiste, enquanto a captura da alma humana, eternizada através de seu perfume.

Assim como a estética passou, de superficial, a algo mais profundo em nossa sociedade pós-moderna (Welsh, 1995), é possível perceber através da análise fílmica a intensa busca por odores maravilhosos oriundos de humanos do sexo feminino, na sua quase totalidade, oriundos de jovens virgens. Os processos de estetização profunda que observamos no filme são indicados, por exemplo, pelo fato de as mulheres assassinadas possuírem beleza única, cada uma a sua maneira, representando a não-discriminação por Jean: mulheres tanto pertencentes à burguesia, quanto às classes trabalhadoras locais ou marginalizadas (prostituta, primeira vítima de Jean), mostram o caráter unificador de beleza procurado por Jean.

A beleza da fotografia e dos planos cinematográficos bem pensados, conduzem a um sentimento de piedade inquietante em relação a Baptiste, pois mais monstruosas que sejam suas atitudes no filme. Welsh (1995) elucida que a competência estética acaba por equilibrar e disfarçar a perda dos valores morais levantados pela sociedade, afirmação reforçada por este sentimento de quase carinho despertado por Jean-Baptiste: o personagem não possui maldade, por mais maus que seus atos sejam; não oferece perigo, por mais perigosos que sejam seus pensamentos; não instiga a culpa, por mais culposos que sejam os meios para seus fins.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



O conceito de *homo aestheticus* (Wolfgang Iser, 1995) torna-se perfeitamente aplicável ao personagem principal deste enredo justamente por ele possuir as mesmas características descritas pelo autor (1995): sensibilidade ao belo, educado e de gosto seletivo.

Outra situação interessante de ser observada durante o filme, é o fato de a morte acompanhar o final de cada etapa do personagem, como se algum fim trágico de poesia controversa fosse inevitável para Jean-Baptiste: ao nascer, seu choro levou sua mãe à força; a responsável pelo orfanato é assassinada logo após vender Jean ao dono do curtume; o dono do curtume morre afogado, bêbado, após comemorar a venda de Jean ao perfumista Baldini, que morre feliz, soterrado em sua casa após receber a lista com 100 fórmulas de perfumes. Não apenas estes casos, mas também a morte por enforcamento de seu mestre de perfumaria em Grasse, acusado por assassinar as moças cujos restos mortais encontrara com auxílio de seu cão em seu próprio atelier: estas situações surgem como espécies de alibis a Jean-Baptiste, isento de culpa mesmo sendo o mais culpado durante toda a trama.

4 JEAN-BAPTISTE E A SUA BUSCA POR IDENTIDADE

Jean-Baptiste Granouille percebe, ao final da narrativa, que o mesmo perfume capaz de incitar o amor sem medidas e a paixão, é o responsável por fazer dele alguém incapaz de receber amor incondicional. Dentro da perspectiva proposta por Hall (2006), Jean-Baptiste mostra-se um sujeito em conflito, fragmentado e multifacetado: Jean nunca ouviu uma palavra amorosa dirigida a ele, tampouco recebeu um único gesto nobre vindo de algum semelhante, e mesmo assim, perseguia o amor com a mesma intensidade com a qual perseguia sua própria vontade de viver, vencer, prosseguir. No entanto, este sentimento de Jean passado pela narrativa através da fotografia envolvente, acontece como que naturalmente, sem que o próprio Jean perceba: ele possui a motivação moral para perseguir seus objetivos, porém não compreende a gravidade de seus atos. Mesmo assim, em uma espécie de não entendimento de si, do mundo, nem de seus próprios propósitos, Jean busca

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



sua notoriedade perante ao mundo que exala tantos aromas sem permitir que ele tenha o seu próprio.

Talvez Jean-Baptiste Granouille não possa ser compreendido como um sujeito descentrado de si mesmo, posto que nem ele mesmo saiba (ou, pelo menos não fica claro durante o filme) qual seriam os seus valores norteadores centrais e fundamentais. Stuart Hall (2006) traduz este sentimento de perda de 'sentido de si', que seria o agente provocador de deslocamento ou descentração do sujeito que caracterizaria esta questão como sendo "um duplo descentramento dos sujeitos": o sujeito se desloca de seu mundo social e cultural, além de se deslocar de si mesmo. Buscando novos locais, indo em busca de suas essências para a elaboração de sua fragrância, Jean desloca-se de um mundo ao qual não escolhera: a sujeira, a feiúra, os maus cheiros. Mudando-se de cidade em cidade, Jean distancia-se dos conceitos sociais tidos por corretos e constrói a sua própria e complexa moralidade. Aplicando, talvez de forma inconsciente, os aprendizados duros que obteve ao decorrer de seu crescimento, Jean não mede esforços e faz tudo o que é preciso para alcançar seus objetivos: não existe, para Jean, algo errado nisso. Ele mata, ele ceifa a vida das jovens e belas moças como se estas fossem as flores para sua essência.

Ao mesmo tempo em que o personagem Jean-Baptiste se distancia de Paris e do mercado de peixe, acaba se distanciando de si mesmo. Indo em busca da técnica capaz de capturar a essência humana, acaba por manipular a sua própria essência, livre de odores e, por isso mesmo, tão aterrorizantemente comum.

Segundo os autores Gaudreault e Jost (2009), um enredo torna-se uma narrativa quando cinco características são identificadas em uma obra cinematográfica: o enredo precisa possuir linearidade de começo, meio e fim; o enredo precisa apresentar a narração em si, como um todo, bem como a situação ou fato narrado; o discurso narrativo precisa conter uma pluralidade de enunciados; deve apresentar novos planos e ângulos interpretativos ao leitor; a narrativa transforma-se em unidade fundamental dotada de sentido e significados. Em "O Perfume: História de um Assassino", observa-se todas estas cinco características de forma bastante evidente. A narrativa focada no personagem central

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Jean-Baptiste passa, então, a desencadear de forma integrada e inteligente o desenrolar das histórias adjacentes, contando brevemente os contextos secundários vividos pelos personagens coadjuvantes que emprestam, por sua vez, veracidade e vitalidade à trama.

A busca por sua própria identidade ocorre de forma involuntária, pois Jean-Baptiste encontra-se em uma situação de centramento (Hall, 2006), reencontro e aceitação de si. Suas angústias, medos e anseios são revelados sutilmente quando as suas verdadeiras intenções vão surgindo no decorrer da trama narrada. A identidade pessoal e individual do personagem principal precisa de um espaço próprio a fim de propiciar seu reconhecimento. Faz-se importante ressaltar que Jean não se reconhece como culpado ou isento de culpa: Jean mostra, em alguns momentos pontuais do filme que sabe que o que faz oferece perigo. No entanto, Jean não combate aos que lhe oferecem perigo, como as autoridades locais ou, até mesmo, o pai de Laura. Jean não se reconhece assassino, extasiado em sua identidade de investigador da beleza humana. A perspectiva de poética do espaço proposta por Bachelard (1998), neste caso, passa a fornecer informações acerca do próprio não-espaço que Jean-Baptiste possui.

5 BACHELARD E SUA POÉTICA DE ESPAÇO: EM BUSCA DO LAR DE JEAN-BAPTISTE

Neste contexto, o sentido de sobrevivência nômade que praticamente empurra Jean-Baptiste de uma localidade à outra, o impede de ter uma residência fixa capaz de oferecer conforto, estabilidade e proteção. Conforme Bachelard (1998), a casa oferece ambiente intimista capaz de confortar o sujeito.

Gaston Bachelard (1998), diz que:

Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. (BACHELARD, 1998, p.23)

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Ocupar um espaço não é, no entanto, sinônimo de habitar um espaço. Bachelard (1998) diz que a casa fornece imagens. Estas imagens podem fazer parte do próprio quebra-cabeças que constitui o sentimento humano. As imagens surgem como lembranças de todas as casas que serviram de abrigo em algum ou muitos momentos de nossas vidas, além dos abrigos possíveis e imaginados.

Bachelard (1998) diz, ainda:

Não basta considerar a casa como um “objeto” sobre o qual pudéssemos fazer reagir julgamentos e devaneios. Para um fenomenólogo, um psicanalista e um psicólogo (estes três pontos de vista estão dispostos por ordem crescente de interesse), não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhes os aspectos pitorescos e de analisar as razões de seu conforto. É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição –seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou impressões para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar. (BACHELARD, 1998, p. 23)

Quando Jean-Baptiste retorna a Paris, derramando o frasco de perfume sob sua cabeça, ele foi guiado pelas suas memórias olfativas justamente ao seu local de nascimento: o mercado de peixe. Em sua mentalidade distorcida, doente e incompreendida, ele precisava deixar de existir em seu lugar de início existencial. Bachelard (1998, p.25) diz que “levamos para a casa nova nossos deuses domésticos”: Jean finalmente compreende o mercado de peixe como o seu lugar não-lugar, local mais conhecido e repleto de odores reconhecidos desde sua infância. Dentro da ideia de que “a casa permite sonhar em paz”, Bachelard (1998) oferece conforto ao sentimento final de Jean-Baptiste, mostrando que a casa (no caso, o próprio mercado de peixes) é uma das maiores forças de integração dos pensamentos, sonhos conclusivos e lembranças do personagem central.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



6 CONCLUSÕES FINAIS

O Jean-Baptiste Granouille do filme de 2006 mostra-se atual mesmo tendo uma história remetente a um fato ficcional do século XVIII. Suas escolhas foram determinadas antes mesmo de seu nascimento, seu sujeito já estava descentrado no momento em que deu-se o primeiro choro angustiado e libertador: Jean-Baptiste possuía o dom de sentir todos os cheiros do mundo e, no entanto, era nascido em um dos locais mais sujos de toda a França. Em sua busca desesperada por colocação e visibilidade enquanto ser humano, Jean mostra-se um personagem com talento angelical e propósitos celestiais possibilitados pela dualidade quase cruel de uma maldade não-consentida e concebida involuntariamente.

Como afirma Bachelard (1998, p. 29): “Com demasiada frequência a psicanálise situa as paixões “no mundo”. Na verdade, as paixões cozinham e recozinham na solidão. É encerrado em sua solidão que o ser de paixão prepara suas explosões ou seus feitos.”

Jean-Baptiste Granouille nasceu quase que por acaso, sem jamais ser quisto ou planejado; nascera de susto, chorando timidamente e clamando o direito à sua existência. É um personagem solitário, que permanece tão solitário durante toda a narrativa que chega a oferecer sentimento de compadecimento por parte de quem assiste ao filme e procura ao menos tentar colocar-se em seu lugar. Ao descobrir a fórmula composta pelos 13 acordes da essência mais maravilhosa que fora capaz de desenvolver, Jean-Baptiste legitimou-se, dotou-se de significado e propósito. Deste modo, conclui-se que o filme “O Perfume: História de um Assassino” não trata da história de um sujeito tendencioso à agressividade. A história que perpassa toda a análise fílmica é a de relação quase direta ao propósito de intensa busca humana por notoriedade e reconhecimento identitário. Por mais contraditório que possa parecer, o espaço de intimidade de Jean-Baptiste Granouille é justamente o seu local de maior estranheza: o mercado de peixes parisiense.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. 2.ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1994. 135 p.

BACHELARD, Gaston. **A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana**. In: **A Poética do Espaço**. Martins Fontes, 1998. P. 23 - 54.

GAUDREAULT, François; JOST, André. Cinema e Narrativa. In: **A Narrativa Cinematográfica**. Brasília, GO: UNB, 2009. P. 31-51.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.102

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro (RJ). Editora Gen. LTC. 1989.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro (RJ). 6ª. Edição – Tradução Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro DP&A editora, 2001.

TYKWER, Tom. O Perfume: História de um Assassino. Original literário **Das Parfum: die Geschichte eines Mörders**, Patrick Süskind (1985). Germany, 2006. 148min.

WELSH, Wolfgang. **Estetização e estetização profunda ou: a respeito da atualidade do estético nos dias de hoje**. Rio Grande do Sul (RS). UFRGS, 1995.